



*Brújula*  
Volume 11 • 2017

## Arquivo

---

*Trabalho e exploração na Amazônia: a produção ficcional de Lauro Palhano no período do boom da extração da borracha.*

**Roberto José da Silva**  
UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas)

No final do século XIX, dois fenômenos, um de caráter natural e outro econômico, contribuíram decisivamente para uma literatura voltada a representar e criticar o trabalho e condições impostas aos trabalhadores na selva amazônica. O período do *boom* da extração da borracha, que contribuiu decisivamente para o enriquecimento e crescimento da Amazônia, necessitou de grande número de mão de obra para esse trabalho; de outro lado, as duras secas no Nordeste, que flagelavam os sertanejos naquele mesmo momento, empurravam-nos para as capitais do país e para a Amazônia. Esses dois fatores contribuíram para formar na Amazônia, no final do século XIX, uma sociedade de sertanejos ávidos por trabalho que se transformavam em seringueiros sob

condições aviltantes de trabalho num conflito direto com o patrão e com a selva (Benchimol). Esse ciclo econômico, que corresponde de meados do século XIX até o início do século XX, formou uma enorme e importante literatura como *O Paroara* (1889), de Rodolfo Teófilo; *Inferno Verde - cenas e cenários do Amazonas* (1908); *Sombras n'água: vida e paisagens no Brasil equatorial* (1913), de Alberto Rangel; *Terra imatura* (1923), de Alfredo Ladislau; *A Selva* (1930), de Ferreira de Castro; *Amazônia que ninguém sabe* (1931), *Certos caminhos do mundo* (1935) e *Safra* (1937), de Abguar Bastos; *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931) e *Marupiara* (1935), de Lauro Palhano, *Na Planície Amazônica* (1926) e *Ressuscitados* (1938), de Raimundo Morais; *Chove nos campos de cachoeiras* (1940), de Dalcídio Jurandir; *Puçanga* (1929), *Matupá* (1933) e *Histórias da Amazônia* (1936), de Peregrino Junior e muitos outros escritores que retratam e denunciaram as péssimas condições de vida impostas ao trabalhador nos seringais do Alto Amazonas.

Franklin Távora, no famoso prefácio de *O Cabeleira* (1876), apontou a necessidade de uma literatura voltada para o homem do Norte, sua natureza e seus problemas, focando o desconhecimento da Amazônia e o franco desenvolvimento pelo qual ela vinha passando desde meados do século XIX. Segundo Francisco Foot Hardman, em *A vingança da Hileia* (2009) Franklin Távora, nesse seu prefácio-manifesto, aponta a necessidade de discorrer sobre a vida artística e conhecimento científico da Amazônia, notadamente a partir do *boom* da borracha e da entrada da navegação a vapor (25).

A primeira obra sobre a extração da borracha é *O Paroara* (1889), de Rodolfo Teófilo. A história narra a saga de João das Neves que, em razão da seca de 1887 e assédios de agenciadores - paroaras - que plantavam a ideia de que o trabalho na Amazônia era enriquecedor, deixa a família e parte para os seringais do Alto Amazonas. Acumulando uma enorme dívida, antes de iniciar o trabalho na selva, com os gastos de viagem, compra de ferramentas e alimentos, se torna posse do dono do seringal e tendo que acatar todas as ordens daquele sistema de trabalho. No primeiro ano, João das Neves adquire impaludismo e não consegue saldar a dívida, ficando impossibilitado de retornar para o sertão. No segundo ano, trabalha com muita dificuldade, em razão da doença e, por fim, consegue saldar a dívida e retornar para o sertão com pouquíssimo dinheiro, porém inválido, pois o corpo estava todo degradado. Assim que chega em sua casa, no sertão, encontra sua mulher morta, e os filhos já tinham morrido todos de inanição. Após a perda de toda a família, João das Neves reflete que a retirada do sertão para os seringais da Amazônia era uma ilusão, e que era melhor sofrer o flagelo da seca a ser explorado e colocado em condição análoga à escravidão nos seringais da Amazônia. *O Paroara* é um romance singular na produção ficcional do *boom* da borracha<sup>1</sup>, pois retrata a odisseia do sertanejo do início ao fim, ao

---

<sup>1</sup> Dolor Barreira, em *História da Literatura Cearense* (1954), coloca como ponto alto em *O Paroara* o fato do autor nunca ter estado na Amazônia e ter escrito um romance sobre o universo do seringal com tamanha fidelidade, a partir dos relatos colhidos com os paroaras. Esse romance se destaca dos outros da prosa de ficção do ciclo da borracha pelo fato de trazer em sua diegese o percurso do início ao fim do sertanejo que se transforma em seringueiro nos seringais do Alto Amazonas. Ademais, nele temos os dois fatores que ocasionaram a rápida migração para a Amazônia, a saber: as duras secas que flagelavam os sertanejos e os expulsavam para a

expor o flagelo do sertanejo no semiárido, o assédio dos agenciadores propagando a ideia de enriquecimento nos seringais, e as condições aviltantes nesse ambiente de trabalho. Para Dolor Barreira, “sem nunca ter ido à Amazônia, o autor conseguiu traçar com autenticidade, a partir dos relatos colhidos com os paroaras, o universo dos seringueiros nos seringais do Alto Amazonas” (310).

Visto sob a ótica da miséria, da seca e da migração que ela gera, *O Paroara*, segundo Alfredo Bosi (2006) instaura aproximação com *O cabeleira* (1876), de Franklin Távora, *Os cangaceiros* (1914), de Carlos D. Fernandes, e *O rei dos jagunços* (1899), de Manuel Benício, ao formar uma literatura voltada para os problemas da seca, do latifúndio, do banditismo com o efeito da miséria, e das migrações (141). *O Paroara*, como muitos outros romances do fim do século XIX e início do XX, instaura uma relação de aproximação com os romances do chamado “romance nordestino de trinta”, em que a seca volta a ser a tônica principal numa região abandonada pelo Estado. Basta citar *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiróz; *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego; *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes; *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* (1931) e *Marupiara* (1935), ambos de Lauro Palhano; *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado; e tantos outros que expõem o

---

Amazônia, e no caminho inverso a região amazônica com farta matéria prima de borracha para extração, o que enriquecia a região e necessitava de grande quantidade de mão de obra para o trabalho. Os demais romances, no geral, não traçam essa odisseia, ficando a retirada dos sertanejos do campo com capítulos muito ligeiros, ou já introduzindo os personagens nos seringais. Por isso mesmo, *O Paroara* é um romance singular na prosa de ficção da borracha, pois o autor se preocupou em trazer aos olhos do leitor as justificativas da migração para os seringais.

flagelo do sertanejo sofrendo as agruras das secas, com constantes fugas da região, seja para as capitais do Nordeste, no espaço industrial, ou ainda dando sequência ao romance de Rodolfo Teófilo, para a extração da borracha na Amazônia, como é apresentado como alternativa em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiróz.

Seguindo a trajetória temporal, o segundo ficcionista a abordar o trabalho nos seringais amazonenses foi Alberto Rangel, com a coletânea de contos *Inferno Verde: cenas e cenário do Amazonas* (1908), em que soube, como poucos, construir quadros e imagens de uma Amazônia voraz e maravilhosa. Logo após a publicação dessa obra, vieram os aplausos da crítica e a legenda de que Alberto Rangel seria um discípulo de Euclides da Cunha, pelo fato de nesses contos encontrarmos uma linguagem híbrida muito próxima à de *Os Sertões* (1902). O livro é aberto com um “Preâmbulo” escrito por Euclides da Cunha, que louva a obra por descortinar uma região com vários problemas, e que precisava ser explorada racionalmente e estudada em todos os seus aspectos e, em especial, o homem que nela habitava. Euclides da Cunha, em carta a Vicente de Carvalho, logo após a publicação do *Inferno Verde*, reconhecia nas páginas dessa obra seu discípulo:

P.S. Já leste o *Inferno Verde*? Nesta há uma vaidade encantadora: é o livro do meu primeiro discípulo, alentando-me na convicção de que abri uma picada, levando a outros rumos o espírito nacional ...

Que infinito para um antigo engenheiro de estradas! (Da Cunha, qtd  
in Galvão, 376)

A linguagem híbrida, sob a estética Naturalista, com o folclore e falar dos povos do Norte, e quadros vivos da selva amazônica, para o autor de *Os Sertões*, certamente iria causar estranhamento na crítica do alto *Establishment* do Sul do país que desconhecia o Norte. Em carta a Alberto Rangel, logo após a publicação de *Inferno Verde*, Euclides da Cunha, do Rio de Janeiro, relata a esse seu amigo o impacto que o livro estava causando na crítica literária brasileira, ao por em foco uma região pouco conhecida e abandonada pelo Estado:

*O Inferno Verde* agitou um pouco o sangue frio destes batráquios, porque é um parente mais novo de mais vivo dos *Sertões*. Disse-o o grande mestre Araripe Junior; e o parecer do nosso único ensaísta, escandalizando furiosamente a cabotinagem covarde, encheu-me do mais justificado orgulho. Estás longe. Não podes avaliar a espessura do silêncio calculado que o teu livro rompeu. Mas para isto não contribuiu o prefácio, senão a visão superior de um Araripe, a alma vibrátil de um Felix Pacheco e a sinceridade de alguns raros plumitivos, que ainda realizam o milagre da posse de alguma seriedade neste meio. Quero que escrevas ao Araripe e ao Felix (*Jornal do Comércio*), agradecendo-lhes porque na realidade foram os dois maiores

reveladores do teu grande valor literário. (Da Cunha, qtd Galvão 377)

Pela leitura das correspondências de Euclides da Cunha sobre *Inferno Verde*, percebe-se claramente o impacto que o livro de Alberto Rangel causou no meio literário ao romper com uma literatura que ainda estava marcada pelo Romantismo decadente e o Naturalismo vigorante. Para o autor de *Os sertões*, os contos de *Inferno Verde* representariam um exímio conhecimento de Alberto Rangel sobre a Amazônia ao conseguir fixar nos textos rebeldia em romper com uma estética já decadente propondo uma nova linguagem que se afastaria da vigente. Para Araripe Junior, Alberto Rangel, com *Inferno Verde*, inovou na literatura brasileira ao substituir o estilo falado pelo livresco revelando os mistérios da Amazônia: “O estilo de Alberto Rangel neste livro seria revestido pelo calor da região e do homem que ele descreve tão vigorosamente” (253). Alberto Rangel ao explorar a linguagem falada do caboclo, do sertanejo, e trazer cenas vivas da Amazônia, rompeu com uma tradição romanesca ao por o homem do Norte e sua terra em cena para todo o Brasil conhecer.

*Inferno Verde*, nesse sentido, seria uma guinada à análise da Amazônia em sua diversidade, ao revelar que a floresta amazônica não é única. A diversidade da Amazônia seria, assim, fixada na pluralidade dos temas dos contos de *Inferno Verde*. Por isso mesmo, essa obra seria uma tentativa de apreender a imensidão e variedade da Amazônia.

Numa obra posterior, *Sombras n'água (vida e paisagens no Brasil equatorial)* (1913), Alberto Rangel dá sequência aos temas e linguagem de *Inferno Verde*, adicionando um item a mais: os conflitos entre seringueiros e caucheiros na região do Alto Purus, como se vê nos contos “Marco de sangue” e “Os inimigos”. A impressão que Euclides da Cunha e Araripe Júnior tiveram de *Inferno Verde* quanto ao estilo e linguagem dessa obra é semelhante à que Monteiro Lobato teve de *Sombras n'água*, ao apontar a linguagem híbrida entre ciência e arte e a linguagem folclórica do Norte como dificuldade e obstáculo para os leitores do Sul do país. Esse aspecto, para o autor de *Urupês*, seria um ponto alto ao revelar para o Brasil uma região e um povo desconhecidos do resto do país (Lobato qtd in Tin 313-315).

Alberto Rangel, com esses dois textos, rompeu com a literatura amazonense anterior, cuja prosa estava voltada aos aspectos regionalistas, indigenistas e folclóricos em que a Amazônia aparecia como misteriosa, maravilhosa e edênica, presente, por exemplo, nas obras de Paulino de Brito, Inglês de Sousa, e muitos outros escritores de meados século XIX. A Amazônia de seus contos estampa aos olhos do leitor uma enorme floresta rica em recursos hídricos e naturais a serem explorados, porém disputada de forma bárbara entre seringueiros brasileiros e caucheiros peruanos, como se vê nos contos “O marco de sangue” e “Os inimigos”, ambos de *Sombras n'água*. Some-se a isso o empenho do escritor em revelar uma enorme massa de sertanejos que se tornaram



seringueiros em condições análogas a de escravos, construindo uma imagem infernal dos seringais da Amazônia.

No final do ano de 1904, Euclides da Cunha partiu para o Alto Amazonas como chefe da comissão de reconhecimento das nascentes do rio Purus na fronteira entre Brasil e Peru, ficando aproximadamente um ano naquela região. Essa expedição lhe rendeu vários textos sobre a Amazônia, dentre eles o clássico livro de ensaios *À margem da história*, publicado em Portugal, postumamente, em 1909<sup>2</sup>. Nesses textos, Euclides da Cunha revelou ao Brasil uma terra desconhecida com uma população que sofria o flagelo da seca e buscava no trabalho do deserto alagado da Amazônia o sonho do enriquecimento. Porém, o que encontrava era um perfeito e sistemático modo de trabalho aviltante para o homem: “A impressão dominante que tive, e talvez correspondente a uma verdade positiva, é esta: o homem, ali, é ainda um intruso impertinente” (da Cunha 131).

Em *À margem da história*, Euclides da Cunha nos apresenta textos híbridos entre história e literatura, no consórcio entre ciência e arte, dando sequência ao trabalho já realizado em *Os Sertões* (1902). Nesses ensaios, Euclides elege novamente o sertanejo como seu personagem principal na luta constante contra o meio seco e árido que o empurra para os seringais desertos para o trabalho da extração da resina da borracha. Nos ensaios dessa obra, em especial, a primeira parte, “Na Amazônia - Terra sem história”, Euclides retoma sua crítica às

autoridades do Sul do país que não voltavam seus olhos para as populações esquecidas do Nordeste e lá sofriam o flagelo do clima seco numa região semiárida, como se vê nos ensaios “Impressões gerais” e “Um clima caluniado”.

Os ensaios dessa obra têm como tônica a retirada do sertanejo do sertão por força do meio seco e árido, e a ilusão de se ganhar muito dinheiro nos seringais. Da Cunha apresenta-nos com fidelidade as causas da grande migração que houve no final do século XIX, do Nordeste para a Amazônia, apontando suas justificativas e consequências. O sertanejo, após chegar a Amazônia, vê-se, nos seringais, em condições análogas a de escravo, pois, como no romance *O Paroara*, todos os seus direitos são cerceados ao adquirir uma enorme dívida com o dono do barracão:

É, que realmente, nas paragens exuberantes das *héveas* e *castilloas*, o aguarda a mais criminoso organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo.

De feito, o seringueiro e não designamos o patrão opulento, se não o freguês jungido à gleba das “estradas”, o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se. (Da Cunha 141)

Em inúmeros ensaios sobre a Amazônia, Da Cunha sai em defesa do sertanejo, que é abandonado e explorado no interior da selva, trazendo quadros infernais reais que os sufocavam. Sua crítica recai às autoridades que não

voltavam seus olhos para uma enorme massa de pessoas que migravam para a Amazônia, em razão da miséria, e lá encontravam todas as condições favoráveis para serem exploradas por um enorme e bem organizado sistema de trabalho que as aviltavam e colocavam-nas em condições análogas a de escravos, presas nas “estradas” dos seringais: “É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável” (12). Após um ano de trabalho, o sertanejo, vulgarmente chamado de *brabo*, recebia uma alcunha paradoxal de *manso*, em decorrência da dívida que acarretava com o patrão, das condições aviltantes de trabalho, das doenças, da “aclimatação do homem” à selva e, por fim, por estar totalmente degradado. Nesse sentido, da Cunha, ao criticar a exploração e aviltamento dos seringueiros nos seringais, torna-se um dos primeiros intelectuais do Brasil a sair em defesa do trabalhador.

Em *À margem da história*, a crítica de Euclides da Cunha está voltada para os conflitos entre o homem e a natureza e, em especial, para o homem consigo mesmo, no caso, o seringueiro com o patrão. Com isso, Euclides da Cunha revelou para o Brasil a riqueza natural da Amazônia e os problemas do homem que para lá migrava, com o olhar voltado para a história e sociologia, rompendo com a tradição de escritos científicos sobre a Amazônia, produzidos por viajantes e cronistas. Seus textos, como os de Rodolfo Teófilo e Alberto Rangel, abriram as portas para a ficção do ciclo econômico da borracha que se desenvolveu com

grande força na década de 1930, quando houve no Brasil um enorme grupo de escritores empenhados em denunciar e desmascarar o atraso do Brasil, nos dizeres de Antônio Candido, em “Literatura e subdesenvolvimento” (1989). Para Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira* (2006), está clara a aproximação dos textos de Euclides da Cunha à produção ficcional da década de 1930 (309). No mesmo caminho de interpretação, Leopoldo Bernucci, em *A imitação dos sentidos* (1995), aponta as aproximações entre *Os sertões* e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

No início da década de 1930, abriu-se a porta para uma nova literatura voltada para os problemas sociais do Brasil, no dizer de João Luíz Lafetá em *1930: a crítica e o modernismo* (1974). Para esse crítico, a partir do decênio de 1930, houve uma ênfase maior no projeto ideológico literário voltado ao pensamento de mundo para os reais problemas da época com ênfase em uma literatura com ensaios históricos e sociológicos e ficção sobre a realidade brasileira, em detrimento do projeto estético de 1920, diretamente ligado às modificações operadas na linguagem. Em 1930, entraram em cena escritores engajados, alguns de esquerda, criticando abertamente em seus romances o atraso do país e as mazelas sofridas pelas camadas mais baixas em condições subumanas. O pobre, na figura do operário, sertanejo, camponês, seringueiro, entrava em cena como personagem principal e como representação de uma enorme massa rebaixada às piores condições de vida e trabalho.

A década de 1930 é o período que retrata com maior intensidade a prosa de ficção sobre o *boom* da borracha no Brasil, embora inúmeros romances tenham o tempo ficcional correspondente ao período compreendido de 1870 a 1915, primeiro ciclo, período esse em que o Brasil foi o maior produtor de borracha do mundo e a Amazônia tinha uma enorme massa de sertanejos que para lá migraram. Alguns romances posteriores têm como tempo histórico o segundo ciclo, que se inicia a partir de 1940, quando a Amazônia conseguiu retomar sua produção de borracha em razão da Segunda Guerra Mundial. Dos ficcionistas da década de 1930 que contribuíram para prosa do ciclo da borracha se destacam Carlos Vasconcelos, Alfredo Ladislau, Ferreira de Castro, Lauro Palhano, Francisco Galvão, Abguar Bastos, Osvaldo Orico, Raimundo Morais, Dalcídio Jurandir, Peregrino Junior e tantos outros que posteriormente deram sequência aos trabalhos realizados por Rodolfo Teófilo, Alberto Rangel e Euclides da Cunha, ao denunciar os seringais como ambiente infernal para os sertanejos que para lá seguiram<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Da expedição que Euclides da Cunha fez à Amazônia, como chefe da comissão brasileira de reconhecimento do rio Purus, entre 13 de dezembro de 1904 a 18 de dezembro de 1905, resultaram inúmeros trabalhos que são excelentes documentos de conhecimento da Amazônia, sua história, geografia, hidrografia e o homem que nela habitava. É importante ressaltar que antes de Euclides ir para a Amazônia, já havia escritos alguns textos sobre essa região em jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro, que foram publicados posteriormente no livro *Contraste e Confrontos*, em 1907, em Portugal, pela livraria Chardron - Porto. Os textos que resultaram dessa viagem são: As cartas ativas de quando estava no Norte: *Correspondências de Euclides da Cunha* (1997), organização de Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti, "Relatório da Comissão Mista Brasileira-Peruana de reconhecimento do Alto Purus" de 1904-1905, publicado em 1906, "Entre os seringais" - artigo publicado no periódico *Kosmos*, 1906, *Peru versus Bolívia* (1907), "Preâmbulo a *Inferno Verde*" (1908), *À margem da história* (1909), e alguns outros textos publicados em periódicos. Vale lembrar que nos países vizinhos do Brasil em que a floresta amazônica se faz presente também houve uma significativa produção ficcional que tratou da vida dos coletores da resina da borracha, com foco especial para o caucho, árvore também produtora de borracha,

Desse enorme grupo de ficcionistas do *boom* da borracha, a partir da década de 1930, destaco o escritor Lauro Palhano, com os textos *O gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*, 1931, e *Marupiara*, de 1935. Esses dois romances são bons exemplos para termos uma ideia da riqueza pela qual passou a região Amazônica no período de grande extração da borracha e, paradoxalmente, a degradação e pobreza que os seringueiros viviam nos seringais no meio da selva. Nesses romances, assim como em muitos outros, temos uma crítica ácida aos contrastes sociais de uma região que emergia sob os efeitos da extração da borracha, porém a população nordestina que para lá migrava não desfrutava dessa riqueza. Outro aspecto relevante é que nesses dois romances, em especial *O Gororoba*, já há uma discussão sobre as condições aviltantes do proletário, classe essa que estava crescendo nas primeiras décadas do século XX em razão do avanço da indústria, por conta da Primeira Guerra Mundial. Consequentemente, essa classe passou a ganhar força no país com inúmeras greves e lutas por melhores condições de trabalho, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo. Esse enfoque em *O Gororoba* despertou a atenção de alguns críticos daquele momento<sup>4</sup> a ponto de considerar esse romance como precursor da literatura proletária no Brasil, o que sacudiu a crítica brasileira em controvérsia se era ou não literatura proletária, pois para alguns críticos as

---

porém de menor qualidade. Dessa imensa produção se destacam *La voragine* (1924), do colombiano José Eustácio Riveira; *Toá, narraciones de caucheries* (1934), do colombiano Cesar Uribe Piedrahita; *Canaíma* (1935), do venezuelano Rómulo Gallegos; *Caucho* (1938), do boliviano Diómedes de Pereyra, entre os mais conhecidos.

<sup>4</sup> Marçal, Heitor. "Literatura Proletária". In: *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, (I, 12) 1932.

poucas cenas e questões ali apresentadas sobre o operário ainda eram pictóricas e superficiais. *O Gororoba* e *Marupiara* merecem destaque especial por estampar quadros valiosos do rápido desenvolvimento pelo qual passaram Belém e Manaus, em razão da extração da borracha, e pelas fiéis cenas dos trabalhadores nos seringais do Alto Amazonas na coleta da resina da borracha.

Em *O Gororoba*<sup>5</sup>, temos a saga de Cazuzo Amaro, que, fugindo da seca do Nordeste, arrisca a sorte na região Norte e vai trabalhar em oficinas como piloto de máquinas de navios, em Belém e Manaus. Dali parte para o Rio de Janeiro, onde trabalha como operário nas oficinas da indústria naval. A primeira parte é aberta com as secas do século XIX que flagelavam os sertanejos da região de Caiacó, Ceará. Não suportando aquelas condições, muitos sertanejos partiam para as capitais do Sudeste ou para a Amazônia, como acontece com Cazuzo. Na segunda parte é retratada a incipiente industrialização na cidade do Rio de Janeiro, e a degradação do operário no espaço industrial urbano. O tempo da história transcorre entre 1880 a 1920, período de intensa extração e produção da borracha, com grande migração de sertanejos para a Amazônia e outras capitais do Brasil, em decorrência das duras secas desse período.

---

<sup>5</sup> Lauro Palhano é o pseudônimo do escritor baiano Juvêncio Lopes da Silva Campos. *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil* foi publicado em 1931 pela editora Terra do Sol, Rio de Janeiro, e conta com ilustrações de Correia Dias. *Gororoba* é a alcunha dada a Cazuzo ao chegar a Belém, e seria uma referência a um João-ninguém, e a uma espécie de polvo, mole, gelatinosos e sem forma ou consistência. Essa alcunha seria em razão de Cazuzo ser um sertanejo lento nos movimentos e nas atitudes, apesar de sadio e forte, tipicamente o sertanejo desconjurado, bambo no andar, como também descreveu Euclides da Cunha em *Os Sertões*.

Nesse romance, não temos cenas dos seringais e dos seringueiros nesse espaço de trabalho. No entanto, temos notórias paisagens das cidades de Belém e Manaus, que sofreram um rápido crescimento e inchamento humano em razão da extração da borracha. Belém crescia e inchava-se rapidamente com o afluxo de imigrantes do sertão e comerciantes da Europa, e com o crescimento da cidade iam surgindo simultaneamente os subúrbios onde a miséria imperava. O progresso de Belém seduzia populações do Nordeste e de todo o Brasil, e ali chegavam flagelados de todos os cantos do país e da Europa. Os imigrantes sertanejos partiam para os seringais, os europeus se atiravam no comércio, os inválidos roubavam e esmolavam. A indústria e as oficinas navais impulsionavam o crescimento da cidade e, conseqüentemente, cresciam a classe operária e os bairros miseráveis:

Os operários alegres uns, triste, lassos outros, vêm à conquista do dia. Este, fortalecido pela Esperança, é noivo - sonha ainda; aquele, indiferente e alegre, é boêmio e só - tanto se lhe dá como se lhe deu: o outro apreensivo e enfermo, foi tudo e há de ser sempre nada; e todos trocando os fatos que os trouxeram, pelos que os aguardam nos armários, sentem a frialdades das roupas e da sorte.

Seis horas. Apita. A motora, na languidez da partida, espreguiça-se. Gemem, estalam transmissões, correias aderentes às polias e



tudo vibra no movimento que há de levar a vida aos molossos inertes.

O operário cérebro da máquina, dirige-a. O ferro em obra reage: - embota as ferramentas, agride o homem, ora em estilhaços, em fagulhas, ora desprendendo-se bruscamente, partindo-se ferindo, matando. E enquanto o autômato executa a sua tarefa, na monotonia dos movimentos ritmados, o artífice volta, em pensamento, aos idílios da noiva, aos carinhos da esposa, aos beijos do filho, às alegrias e vicissitudes de seu lar, indiferente à obra, à máquina, e a tudo. (Palhano 37 - 38)

A citação revela de forma clara o aviltamento pelo qual passavam os operários da indústria naval de Belém. A capital do Pará, sob o forte surto da extração da borracha, crescia e inchava de habitantes ávidos a trabalhar na incipiente indústria naval, que crescia em razão da borracha. Como Belém se encontra na foz do rio Amazonas, era a primeira cidade a receber nordestinos e estrangeiros de todas as partes do mundo. Por estar nessa posição estratégica, além de ter sido a cidade de escoamento da borracha para os grandes mercados europeus e americanos, ela também era a cidade de primeiro ponto de parada para os sertanejos partirem para os seringais do Alto Amazonas. Todos esses fatores contribuíram para que Belém no período do *boom* da borracha passasse por um rápido crescimento populacional e industrial. Se por um lado Belém se

orgulhava de seu desenvolvimento, por outro, simultaneamente, revelava o atraso brasileiro em legislação que amparasse os trabalhadores de todos os setores.

A citação revela a relação próxima entre história e ficção, visto o desenvolvimento pelo qual passava Belém e a enorme mão de obra de operários que essa cidade abrigava. Esse fato não passou despercebido aos olhos do escritor, que, atento a esse novo paradigma de progresso, denunciou a degradação na qual o operário estava sendo colocado. Com isso, *O Gororoba* dialoga com romances do período de 1930 em que focam o operário sendo aviltado no interior das fábricas, no espaço urbano, como vemos em *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, *Parque industrial* (1933), de Patrícia Galvão, e *Navios Iluminados* (1937), de Ranulfo Prata. Acrescente-se a esse ponto que a classe operária de Belém se encontrava no mais baixo grau de organização sindical e sem qualquer condição de lutar por direitos trabalhistas:

Ele próprio, Cazuzza, quando às tardes, o corpo em chamas sobre a ação do caúchi, espécie de ortiga das praias lodosas do Pará, sob o ardor do sol ou enterrado na lama, os braços alçados, cravando, a cara queimada e ferida pelas fagulhas e rebarbas dos arrebites quentes, sentia quão madrasta é a sorte dos que precisam; quanto doem as vergastadas dos maus tratos dos chefes, humilhando o trabalhador, já de si humilhado pelo destino. (Palhano 112)

No Brasil das primeiras décadas do século XX, como vemos aqui em Belém, os operários mal instruídos e, na maioria, analfabetos, ingênuos, sem amparo de sindicatos ou qualquer associação de trabalhadores, se lançavam entre as engrenagens das máquinas sofrendo acidentes e sendo incapazes de se rebelar contra os patrões e as condições insalubres de trabalho<sup>6</sup>.

Cazuza Amaro, depois de muita dificuldade, conseguiu se formar no curso de maquinista e pilotagem de Belém. Percebendo as péssimas condições de trabalho impostas, e seu corpo sendo degradado, parte para Manaus, onde falavam que havia muito trabalho. Chegando nessa cidade, o jovem sertanejo se espanta com a multidão que enriquecia Manaus sob os efeitos da economia da borracha:

Da capital do Amazonas um detalhe impressionou a Cazuza.

Naquele recanto de mundo não havia miséria. Dinheiro não fazia falta a ninguém porque todos o ganhavam facilmente. Era de fato a

Terra da Promissão; a Fome não a descobrira ainda.

---

<sup>6</sup> Vários historiadores estudaram as condições de trabalho impostas aos trabalhadores no final do século XIX e início do XX do Brasil. Segundo Antônio Paulo Rezende, antes de 1930 quase não havia leis de proteção ao trabalhador, as poucas existentes não eram rigorosamente cumpridas pelos patrões (18). De acordo com Warren Dean (1971) “Os acidentes se amiudavam, pois os trabalhadores, embora cansados, às vezes trabalhavam além da jornada normal, sem aumento de salário ou trabalhavam aos domingos” (164). Boris Fausto, em *Trabalho urbano e conflito social* (1976), afirma que em regra, nada impedia a despedida imediata dos trabalhadores após longos anos de serviços. “Os operários que eram acidentados não eram indenizados. Inexistia a previdência social, nem a aposentadoria se desenhava como expectativa” (105). De acordo com esse mesmo historiador “a legislação trabalhista só passou a existir efetivamente em 1930 no governo de Getúlio Vargas com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio ao centralizar os sindicatos nas mãos do Estado” (392). Outro fato interessante é que o escritor Lauro Palhano foi engenheiro de máquinas na indústria naval, o que significa dizer que ele teve um contato direto com os operários e seus problemas (Coutinho 1210).

Entre a população operária que Cazuza viu nas oficinas e nas ruas, predominava o elemento português. Pela primeira vez viu o operário típico: blusa de zuarte sobre calça do mesmo pano, gorro ou boné, sóbrio de roupas e avesso aos esbanjamentos, amealhando para ir à terra ...

Pelos hotéis, teatros e cafés, os seringueiros ridiculamente vestidos, fartamente endinheirados, gastavam com mulheres detestavelmente velhas, feias e pintadas; mulheres detestavelmente bonitas e imorais, atirando-se a todo mundo para sugar dinheiro fosse seringueiro ...

(Palhano 176)

A passagem revela, de modo claro, o processo de enriquecimento pelo qual passava a capital do Amazonas, demonstrando uma grande malha urbana de entretenimento, indústria, trabalho, acomodações e circulação de dinheiro. Outro ponto que chama a atenção do leitor é a presença distinta do operário europeu em detrimento ao operário brasileiro, pois o europeu ao chegar ao Brasil, além de trazer a experiência em trabalhar com máquinas, simultaneamente trazia a história de luta trabalhista que já se fazia há anos no velho continente europeu. Por isso mesmo, esse operário está com roupa distinta de trabalhador e sem esbanjamento em gastos. Oposto ao operário europeu, vemos a forma decadente do trabalhador brasileiro, sem consciência, configurado no seringueiro, mal trajado e que gastava todo seu dinheiro nos

bordéis, ficando cada vez mais nas mãos do patrão, pois precisaria futuramente comprar alimentos para partir para o seringal, o que aumentaria sua dívida.

Outro aspecto que aflora nessa citação é a ideia de progresso aliado a oferta de emprego e grande circulação de dinheiro, impulsionado pela grande extração da borracha. Tudo isso contribuiu para que Manaus recebesse o título de cidade da promessa, embora esse paradigma não fosse compartilhado com os sertanejos, visto que esses estavam na condição de trabalhadores explorados.

O espanto que Cazuya teve da multidão, do progresso e cosmopolitismo em Manaus é semelhante à impressão que Euclides da Cunha teve ao chegar à mesma capital no final de 1904:

Somente hoje posso mandar-te uma breve notícia - tais as atrapalhações, tais os embaraços que nos saltaram aqui, nesta ruidosa, ampla, mal arranjada, monstruosa e opulenta capital dos seringueiros [...] Felizmente a gente é boa. Em que pese ao cosmopolitismo excessivo desta Manaus - onde em cada esquina range um português, rosna um inglês ou canta um italiano - a nossa gente ainda os domina com as suas formosas qualidades de coração e a mais consoladora surpresa o sulista está no perceber que este nosso Brasil é verdadeiramente grande porque ainda chega até lá. (Da Cunha, qtd Galvão 250 - 251)

[...] Levo - nesta Meca tumultuária dos seringueiros - vida perturbada e fatigante (Da Cunha, qtd Galvão 252).

Nessas duas cartas, respectivamente a Afonso Arinos e a José Veríssimo, da Cunha nos dá um retrato de como estava Manaus naquele momento de intenso recebimento de sertanejos que seguiam para o trabalho nos seringais do Alto Amazona. Assim como Belém, Manaus também estava numa posição geográfica estratégica. Posicionada no centro da Amazônia e às margens do rio Amazonas, esta cidade funcionava como parada obrigatória para os sertanejos e estrangeiros trabalharem e fixarem comércio ou residência. Da mesma forma, Manaus também era parada obrigatória para os sertanejos dali partirem para o Alto Amazonas em barcos menores.

No sentido de descida do rio, Manaus também era cidade estratégica para comercialização da borracha extraída no Alto Amazonas, como ponto de parada de várias embarcações que vinham tanto dessa região como do Peru e Bolívia para escoar sua produção de borracha e outros produtos naturais para a Europa. Essa atividade se intensificou a partir da abertura do rio Amazonas à Navegação Internacional, em 1867. Tudo isso contribuiu decisivamente para fazer de Manaus uma cidade dinâmica, populosa, rica e cosmopolita. A comercialização e exportação da borracha tornaram Manaus uma cidade dinâmica a ponto de receber a alcunha de “Paris dos Trópicos”. Outros dois fenômenos significativos para o crescimento de Manaus foi o fato de Manaus ter sido a primeira cidade brasileira a ter energia elétrica, e ter construído o majestoso Teatro Amazonas, em 1896, o que demonstra a presença da rápida modernização na região Norte.

Com o forte crescimento da produção de borracha na Ásia, a produção amazonense entrou em decadência a partir de 1915, e conseqüentemente transformou Manaus em uma cidade pobre, abandonada e miserável. A enorme massa de gente que ali vivia teve de migrar para outras capitais ou retornar para o sertão:

Acabou-se Manaus. A cidade alegre, das noitadas boêmias, acabou-se.

Nas avenidas desertas, nos cafés sem fregueses, nas pensões fechadas, reinava agora um silêncio de *tapera*.

As mulheres emigravam à proporção, pois o dinheiro fugia.

Os gaiolas imóveis, à falta de carregamentos, punham as populações marujas a braços com a angústia dos desempregos. E a fome invadindo o belo rincão selvagem, atacava a golpes de miséria, a obra da Prosperidade, alicerçada apenas nas barrancas corredias da beira-rio. (Palhano 192)

[...] Veio depois o declínio. Desvalorizou-se a borracha. Emigrou quem pôde. Quem não pôde ia-se deixando morrer de miséria. Plantar o que? ... no Amazonas nada se transforma tão facilmente em dinheiro como a borracha. Além disso, a terra brotando incessantemente, enche de espécies daninhas ou inúteis o terreno que o homem desbrava para a sementeira. (Palhano 201)

O jovem Cazuzza, vendo a insustentabilidade de permanecer naquela cidade que ficou miserável em pouco tempo, partiu para a capital do Brasil onde falavam que havia muito emprego na indústria. Com a baixa do valor da borracha brasileira, muitos sertanejos tiveram que retornar para o sertão; outros foram para o Sudeste, e os que permaneceram sofreram as agruras da desvalorização desse produto. A cidade da promessa tornou-se uma miséria total, pois os ingleses desenvolveram um método eficiente de plantação e extração da borracha na Ásia<sup>7</sup>, concorrendo diretamente com a borracha brasileira extraída da selva. Para os nativos da Amazônia, caboclo e índio, restou apenas tirar da terra mãe sua sobrevivência.

Cazuzza Amaro, na cidade do Rio de Janeiro, tornou-se operário da construção naval, que estava em intenso progresso. No entanto, a exploração do trabalhador nessa cidade era pior do que em Belém e Manaus. Vivendo sob as constantes mutilações e aviltamentos do trabalho, morando em casebres na periferia da cidade e com baixo salário, Cazuzza entrou em descrença com o trabalho e com a vida, pois até mesmo os sindicatos e associações operárias do Rio de Janeiro ainda estavam em condições germinais e enfraquecidas, sem qualquer condição de lutar contra o empresariado.

---

<sup>7</sup> Segundo Arthur Cesar Ferreira Reis, em 1876, o inglês Henry Alexander Wilkman deixou Belém em direção à Inglaterra, a bordo do Navio Amazonas, levando 70.000 sementes de *Hevea brasiliensis*, colhidas em Santarém, para o Jardim Botânico de Kew Garden, Londres. Lá, as sementes foram germinadas e depois as mudas foram encaminhadas e plantadas no Ceilão, Cingapura e Malásia. Essa plantação, com o uso de técnicas avançadas, em pouco tempo, ultrapassou a produção da borracha da Amazônia, o que levou a região à total decadência (68).



Belém e Manaus, em *O Gororoba*, são apresentadas, no período de intensa extração da borracha, como capitais atrativas para a enorme massa de flagelados das secas que precisava de trabalho, o que as tornaram ricas, desenvolvidas e populosas rapidamente. Porém, a partir de 1915, a produção de borracha brasileira entrou em decadência, ocasionando o declínio das duas cidades, em especial Manaus, seguindo o mesmo caminho da economia da borracha. O trajeto percorrido por Cazuzza ao deixar o sertão seco, passando por essas cidades, depois tendo que migrar para o Rio de Janeiro, e ter que trabalhar como operário na indústria naval, reflete o período de ascensão e queda da região Amazônica, sob o fluxo da alta e baixa comercialização da borracha brasileira no cenário mundial. Nesse sentido, *O Gororoba* torna-se um importante romance de diálogo com um período da história do Brasil ao por em foco a riqueza da Amazônia, em razão de seus recursos naturais, as duras secas do Nordeste, que flagelavam os sertanejos e os expulsavam para outras regiões e, por fim, por trazer quadros importantes de aviltamento dos trabalhadores.

Em 1935, veio a lume o romance *Marupiara*<sup>8</sup>, que, assim como *O Gororoba*, retrata a vida dos sertanejos que partem para os seringais da Amazônia. A história retrata a saga de Ponciano, que deixa a família na pequena cidade de São José de Ribamar, nas proximidades de São Luís, onde tinha uma vida dura como

---

<sup>8</sup> *Marupiara* foi publicado em 1935 pela editora Schmidt no Rio de Janeiro. *Marupiara* significa pessoa que tem sorte na caça e na pesca, pessoa que se sente feliz ou é favorecido pela sorte. Esse significado cai bem ao personagem Ponciano, pois foi vítima de uma emboscada na selva, a mando do dono do barracão, e foi salvo pelo índio Macuti, seu amigo.

pescador, e parte para seringais do Norte do país com o sonho de ganhar muito dinheiro para poder casar-se com sua amada - Maria da Glória. O tempo da história refere-se aos anos a partir de 1911, quando a extração da borracha ainda era grande fonte de riqueza para a Amazônia e esta região atraía pessoas de todo o país. Chico Moreira, como astuto agenciador - paroara - convocava e incendiava as mentes dos miseráveis dessa cidade para ir trabalhar na Amazônia e ganhar muito dinheiro nos seringais. Animado por essa ideia, Ponciano partiu para a Amazônia. No entanto, de imediato, adquiriu uma dívida com os gastos de passagem e suprimentos antes mesmo de chegar aos seringais do Acre. Lá, Ponciano e demais trabalhadores são explorados pelos donos de seringais e coronéis da região. Depois de dois anos de sofrimento, Ponciano retorna para a sua terra natal no Ceará e vai morar com sua amada.

O romance estampa aos olhos do leitor as agruras sofridas pelos operários da extração da borracha nos seringais. Alguns são surrados pelos patrões, outros são colocados em condições análogas à escravidão, e a grande maioria vivia sujeita às normas dos donos dos seringais:

Os primeiros dias de um *brabo* na estrada são torturantes mormente nas recentemente abertas. O mato, roçado a facão, pois a foice não era ali empregada, deixa tocos agudíssimos, cortados em bico de gaita que ferem os pés, arranham as canelas, a cara, todo o corpo. O seringueiro, na continuação do trabalho, vai destocando aqui, acolá, alargando-a, melhorando. Desde a sangria das madeiras, que

consiste em dar três golpes de machadinho em cada uma, afim e puxar o leite, o trabalho é penoso. O próprio corte exaure o braço mais forte, pela posição em que deve ser dado golpe, o machadinho resvala, tirando chaboques, ferindo, inutilmente a madeira, perdendo o leite; a tijelinha não embute bem, voam argueiros nos olhos; o balde impede os movimentos; o pouco conhecimento dos labirintos da estrada atrapalha o brabo que, em vai-véns exaustivos, em indecisões estafantes, perde um tempo enorme.

Na última árvore o seringueiro pára. Descansa e come alguma coisa, dando tempo a que a tijelinha encha. Depois, sai colhendo e emborcando as tijelinhas vazias num toco, ao pé da seringueira. O primeiro mês de corte é sempre de rendimento negativo, porque o seringueiro, mesmo manso, consome mais do que produz e trabalha mais que nos meses seguintes, por uma infinidade de cousas que tem de pôr em ordem.

Ponciano cortava em duas estradas, uma velha e uma virgem. A primeira dava-lhe 15 frascos de leite; a segunda 10. Diziam-lhe, porém, que na outra arreação a virgem passaria a dar mais do que a velha (Palhano 131 - 132).

A passagem revela ao leitor o duro trabalho no seringueiro na coleta e preparação do látex para ser transportado. Isolado na mata, o seringueiro vivia o

intenso labor do trabalho duro na selva na coleta da seiva da árvore da borracha. Lendo o ensaio “Entre os Seringais”, de Euclides da Cunha, o leitor de imediato consegue fazer uma aproximação entre a descrição do seringal em *Marupiará* e a do seringal do ensaio do autor de *Os Sertões*:

O cearense aventureiro ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa do *brabo* a *manso*, consoante a gíria dos seringais (o que significa o passar das miragens que o estonteavam para a apatia de um vencido ante a realidade inexorável), ergue a cabana de *paxiúba* à ourela mal destocada de um igarapé pinturesco, ou mais para o centro numa clareira, que a mata ameaçada constringe, e longe do barracão senhoril, onde o seringueiro opulento estadeia o parasitismo farto presente que nunca mais se livrará da estrada que o enlaça, e que ele vai pisar durante a vida inteira, indo e vindo, a girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril. (Da Cunha 659 - 660)

A aproximação desses dois textos, ficcional e histórico, comprova como era degradante o trabalho nos seringais. Com esse exemplo, comprova-se a tese de Antônio Candido (1995) segundo a qual, a partir de 1930, tivemos um grande número de autores engajados em denunciar e desmarcar o Brasil daquele período em que havia uma enorme massa de pessoas no Nordeste e Norte

sofrendo as agruras da miséria em regiões abandonadas, como está bem frisado em *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

Em *Marupiara*, a ficção se apropria do real para retratar com fidelidade a história do ciclo econômico da borracha. Trata-se de um outro caminho para se conhecer a história desse ciclo econômico brasileiro. Já no texto histórico de Euclides da Cunha, encontramos um exímio trabalho literário onde a linguagem híbrida entre ciência e arte, com floreios de hipérboles, emprego de metáforas, antíteses, paradoxos e prosopopeia, contribui para criar uma imagem metafórica do seringal como um ser bestial que laça o homem e o destrói. Em ambos os textos, os autores se preocupam em trazer aos olhos do leitor o espaço do seringal e sua forma de trabalho, transmitindo a noção de espaço infernal ao trabalhador. Não há dúvida que o ensaio “Entre os Seringais”, publicado em 1906, assim como os ensaios de *À margem da história* (1909), constituíram um rico material para os escritores da década de 1930 escreverem ficções sobre o trabalho nos seringais da Amazônia, visto que muitos deles não conheceram os seringais e não pisaram nessa enorme floresta.

Assim, esses dois romances de Lauro Palhano se destacam na produção ficcional sobre a borracha da Amazônia brasileira por estampar, aos olhos do leitor, com fidelidade, um momento de intensa migração de sertanejos flagelados pelas secas do sertão nordestino para os seringais do Alto Amazonas. Como consequência dessa migração, temos, nesses romances, quadros que demonstram o rápido inchamento e desenvolvimento de Belém e Manaus. Enquanto os

prosadores do final do século XIX e início do XX expuseram a Amazônia como maravilhosa, encantada, sob o olhar do Romantismo, ou voraz sob os efeitos do determinismo pautado no Naturalismo, os ficcionistas, a partir de 1930, não desconsideraram totalmente o determinismo mesológico. Porém, o foco agora está centrado no meio agindo sobre o homem e suas implicações sociais e econômicas. Veja que nos romances de Lauro Palhano já se abre a discussão para o romance proletário e a necessidade de criação de leis trabalhistas que amparassem os trabalhadores. Em *Marupiará*, há um início de revolta por parte de alguns trabalhadores dos seringais, mas que de imediato é abafada pelo patrão. Em seguida, todos os trabalhadores envolvidos são duramente punidos. De fato, não há no romance ações de afrontamento ao patrão, isso reflete o momento histórico em que os sindicatos e associações da classe operária ainda estavam germinando no Sul do país, e mais precários no Norte. Em *O gororoba*, os operários das oficinas mecânicas de navios, no Rio de Janeiro, sofriam todo tipo de aviltamento, tendo que viver nos subúrbios, onde não havia qualquer infraestrutura.

Tudo isso confere aos romances de Lauro Palhano um caráter social, ao denunciar uma região que passava por duras secas e flagelava uma enorme massa de sertanejos indo buscar, no trabalho dos seringais da Amazônia, uma saída para sobreviver. Porém, lá eram colocados em condições análogas a de escravos. Lauro Palhano, atento ao movimento de progresso do país, estende sua crítica nesses romances à exploração da classe operária, que estava crescendo

substancialmente na indústria das capitais brasileiras num período ainda sem leis trabalhistas.

Nesse sentido, resta reconhecer o papel fundamental que os textos de Rodolfo Teófilo, Alberto Rangel e, sobretudo, Euclides da Cunha desempenharam ao abrir caminho para uma significativa produção ficcional acerca do ciclo econômico da borracha a partir de 1930, cujo papel era desmascarar o atraso existente em nosso país.

Assim, podemos entender que a escrita sobre a borracha da Amazônia brasileira passa por várias estéticas e pontos de vista, de acordo com o momento histórico e a formação e objetivos de cada escritor. Os primeiros escritos sobre a borracha foram feitos por cronistas e viajantes sob o olhar científico e curioso. Em seguida, a análise social, histórica e humana, sob os efeitos de fatores econômicos e climáticos, realizada por Euclides Cunha e, por fim, os escritos histórico-sociológicos e ficcionais, influenciados pelos textos do autor de *À margem da história*. A ficção sobre a borracha tem seu início no final do século XIX e início do XX com Rodolfo Teófilo e Alberto Rangel, e Euclides da Cunha com os ensaios histórico-sociológicos, ao abrirem as portas para uma avalanche de textos que ganharam fôlego a partir de 1930, ao registrar a retirada do homem do sertão, sob os efeitos das secas, para os seringais da Amazônia.

### Obras citadas

- Araripe, Junior. *Obra crítica de Araripe Junior. Vol. 5.* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958-1970.
- Barreira, Dolor. *Historia da literatura cearense Vol. III.* Fortaleza: Inst. do Ceará, 1948-54.
- Benchimol, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural.* Manaus, AM: Valer, 2009.
- Bernucci, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- Bosi, Alfredo. *Historia concisa da literatura brasileira.* 43<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Candido, Antônio. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1989. pp. 140 - 162.
- \_\_\_\_\_. "O direito à literatura". In: *Vários escritos.* 3<sup>o</sup>. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. pp. 235 - 263.
- Coutinho, Afrânio e J. Galante de Sousa. *Enciclopédia de literatura brasileira.* São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001: 2 Vol.
- Cunha, Euclides. *Obra completa.* 2<sup>a</sup>. ed. (org). Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. Vol I.
- Dean, Warren. *A industrialização em São Paulo: 1880 1945.* Tradução Otávio Mendes Cajado. São Paulo: DIFEL; USP, 1971.



\_\_\_\_\_. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. Trad.

Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel, 1989.

Fausto, Boris. *História do Brasil*. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 1995.

\_\_\_\_\_. *Trabalho urbano e conflito social: 1890-1920*. São Paulo: DIFEL, 1976.

Filho, Adonias. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

Galvão, Walnice Nogueira e Oswaldo Galloti. *Correspondências de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.

Hardman, Francisco Foot. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_; Leonardi, Victor. *Historia da indústria e do trabalho no Brasil: (das origens aos anos 20)*. 2ª. Ed. rev. São Paulo: ática, 1991.

Lafetá, João. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: duas Cidades, 1974.

Lobato, Monteiro. "Carta de Monteiro Lobato a Alberto Rangel". In: TIN, Emerson. *Em busca do "Lobato das cartas": a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Campinas: Unicamp, 2007, Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2007.

Marçal, Heitor. "Literatura Proletária". In: *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, (I, 12) 1932.

Monteiro, Mário Ypiranga. *Fatos da literatura amazonense*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1976.

Palhano, Lauro. *O Gororoba: cenas da vida proletária do Brasil*. Rio de Janeiro: Terra de Sol, 1931.

\_\_\_\_\_. *Marupiara*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1936.

Reis, Arthur Ferreira Cesar. *O Seringal e o seringueiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura - serviço de Informação Agrícola, 1953.

Rezende, Antônio Paulo. *História do movimento operário*. São Paulo: Ática, 1986.

Sussekind, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Távora, Franklin. *O cabeleira*. São Paulo: Editora três, 1973.